



## O CURSO DO RIO, O DISCURSO DAS PALAVRAS

*The course of the river, the discourse of words*

**Marcelo Brito da Silva**

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
mbsletras@gmail.com

---

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma análise do poema "Rios sem discurso", de João Cabral de Melo Neto, numa perspectiva comparada com o poema "Metassoneto ou O computador irritado", de José Paulo Paes, na qual são acionados teóricos como Jorge Luís Borges (2000), Alfredo Bosi (1977), Roman Jakobson (2003), Octavio Paz (1982), Paul Valéry (1999), entre outros. Os dois poemas são lidos como meta-poemas porque tratam do fazer poético, numa abordagem que permitiu as seguintes conclusões: As estrofes estanques do metassoneto de Paes representam outra maneira de expressar os poços de água de Cabral, cortados, isolados, fios abortados da corrente do rio que já não mais comunicam nem vencem a sede da intransitividade. O computador irritado de Paes corresponde ao rio violentado de Cabral, que consiste numa metáfora para o discurso das palavras. A técnica descarnada de poesia leva ao onomatopaico e vazio blablabla (Paes) que não emociona, que não suscita o prazer e o espanto próprios dos textos tocados pela poesia. Por sua vez, Cabral reflete sobre sua matéria prima, as palavras, do ato mesmo da confecção poética, fazendo com que o leitor adentre num universo auto-referencial e intra-reflexivo, do qual não escapa uma discussão filosófica sobre a própria natureza poética.

**Palavras-chave:** João Cabral de Melo. José Paulo Paes. Metapoema. Discurso. Poesia.

---

**Abstract:** This work is an analysis of the poem "Rios sem discurso", by João Cabral de Melo Neto, compared to the poem "Metassoneto ou O computador irritado", by José Paulo Paes, based in critics like Jorge Luis Borges (2000), Alfredo Bosi (1977), Roman Jakobson (2003), Octávio Paz (1982), Paul Valéry (1999), among others. Both poems are here read as meta-poems, because they talk about writing poetry. We reached the following conclusions: The isolated stanzas in Paes's meta-sonnet represent another way to express Cabral's wells – cut, isolated, aborted threads in the river that no longer communicate or beat the thread of intransitivity. Paes's irritated computer corresponds to Cabral's violated river, which consists in a metaphor for the discourse of words. The meager poetic technique leads to the onomatopoeic and empty blablabla (Paes) that does not move, does not bring the pleasure or estrangement expected from poetry. At his turn, Cabral reflects about his raw material – words in the making of poetry –, leading the reader into a self-

referential and intra-reflexive universe, which involves a philosophical discussion about the nature of poetry.

**Keywords:** João Cabral de Melo; José Paulo Paes; Meta-poem; Discourse; Poetry.

## Introdução

O presente trabalho foi realizado como exercício de compreensão do texto poético durante o curso de “Teoria dos gêneros literários: poesia”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da UFMT, que teve como primeiro objeto de investigação o poema “Para feira do livro”, de João Cabral de Melo Neto. Tal poema ensejou a apresentação coletiva de versos que tratavam de folha, de livro, de árvore, amalgamados em metáforas de singular construção. Neste ensaio, novamente está em foco o poeta pernambucano, autor de “Morte e vida Severina” e “O cão sem plumas”, obras que elevaram a poesia do nordeste no contexto brasileiro e revelaram um poeta que seria conhecido pela visão do essencial, pelo conteúdo nítido e preciso dos seus versos, que consagraram uma poesia “antipoesia”, sem derramamentos sentimentais e sem traços supérfluos. João Cabral de Melo Neto comparece na *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2006, p. 469) como poeta da “nova objetividade”, cuja poesia revela a “nua intuição das formas (de onde o geometrismo de alguns poemas seus) e a sensação aguda dos objetos que delimitam o espaço do homem moderno”.

## Desenvolvimento

Rios sem discurso

*A Gabino Alejandro Carriedo*

Quando um rio corta, corta-se de vez  
o discurso-rio de água que ele fazia;  
cortado, a água se quebra em pedaços,  
em poços de água, em água parálitica.  
Em situação de poço, a água equivale  
a uma palavra em situação dicionária:  
isolada, estanque no poço dela mesma,  
e porque assim estanque, estancada;  
e mais: porque assim estancada, muda,  
e muda porque com nenhuma comunica,  
porque cortou-se a sintaxe desse rio,  
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,  
chega raramente a se reatar de vez;  
um rio precisa de muito fio de água  
para refazer o fio antigo que o fez.  
Salvo a grandiloquência de uma cheia  
lhe impondo interina outra linguagem,  
um rio precisa de muita água em fios  
para que todos os poços se enfrasem:  
se reatando, de um para outro poço,  
em frases curtas, então frase e frase,  
até a sentença-rio do discurso único  
em que se tem voz a seca ele combate (MELO NETO, 1985)

“Rios sem discurso” é um poema de cunho metalinguístico, à semelhança do mencionado “Para a feira do livro”, pois ambos tratam do próprio ato de comunicação poética. Na esteira de Carlos Drummond de Andrade, Cabral soube muito bem usar o poema para falar dos meandros da construção poética, como em “Psicologia da composição”: “Saio de meu poema / como quem lava as mãos. / Algumas conchas tornaram-se, / que o sol da atenção / cristalizou; alguma palavra / que desabrochei, / como um pássaro.” (MELO NETO, 2010, p. 227).

No poema em apreço, a partir do quinto e sexto versos, o eu lírico estabelece a comparação que indicará o curso metalinguístico do poema: “Em situação de poço, a água equivale / a uma palavra em situação dicionária:”. Não está ele a falar tão somente de rio e de água, mas esses elementos são tomados como metáfora para o discurso e as palavras, respectivamente. Por sinal, é forte e de grande efeito poético a comparação entre rio e discurso, trazendo inevitavelmente uma imagem à mente do leitor. Vale lembrar ainda que o rio é um elemento recorrente nos poemas de Cabral, que soube usá-lo com muito engenho e arte, como também o fez Guimarães Rosa em seus textos em prosa.

Para refletir melhor nesse aspecto metalinguístico do poema convém recorrer a Roman Jakobson. Em seu ensaio “Linguística e poética” (JAKOBSON, 2003) ele apresenta as seis funções da linguagem: emotiva, conativa, referencial, fática, poética e metalinguística, às quais, por sua vez, correspondem os seis fatores envolvidos na comunicação verbal: remetente, destinatário, contexto, contato, mensagem e código, respectivamente. Segundo ele, é impossível, no ato de comunicação, a ocorrência exclusiva de uma dessas funções. O que acontece é a simultaneidade, mas sempre com a predominância de uma ou mais de uma das funções, predominância esta que será responsável pelo aspecto estrutural do texto:

Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de alguma dessas diferentes funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante (JAKOBSON, 2003, p. 123).

Voltando ao poema “Rios sem discurso”, é tranquilo situar os seis elementos aí envolvidos, tanto que essa tarefa é dispensável, mas é válido tratar das funções que nele predominam: a poética e a metalinguística, à luz da teoria de Roman Jakobson.

Uma leitura superficial do poema, ou ainda um rápido olhar sobre a página, já revelam que houve cuidado intencional na estruturação da mensagem. Percebe-se primeiramente a sua disposição em verso e a sua equilibrada estrutura estrófica. Depois, na leitura mais detida, o leitor perceberá que as palavras suscitam certa emoção ou, como disse Jakobson, um colorido especial no nível fônico, gramatical e lexical (JAKOBSON, 2003, p. 124). Esse cuidado no “como” dizer, esse enfoque na mensagem propriamente dita é o caráter fundamental da função poética. Chamam a atenção, no caso do poema de Cabral, o jogo metafórico entre os elementos rios/discurso, água/palavra e os efeitos imagéticos que o poema consegue extrair dessas aproximações. Alguém pode objetar a ausência de rima na maioria dos versos. Sobre esse particular, também Jakobson observa que é reducionista a tentativa de confinar a função poética ao metro ou à rima. Para ele, a rima é somente manifestação particular do princípio fundamental da poesia que é o paralelismo (JAKOBSON, 2003, p. 146). Em “Rios sem discurso”, o autor opera a equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação, o primeiro baseado nas escolhas lexicais (rio, água, poço, fio, palavra, sintaxe, linguagem etc.) e o segundo baseado na contiguidade para construir uma sequência, quer dizer, o verso propriamente dito e viabilizar o surgimento das imagens e das figuras.

Predominam no poema cabralino, além da função poética, a função metalinguística. Jakobson aponta a distinção feita pela Lógica moderna entre dois níveis de linguagem: a linguagem-objeto, que fala de objetos, e a metalinguagem, que se volta para a própria linguagem. Sempre que o discurso focaliza o código, desempenha uma função metalinguística. Em “Rios sem discurso”, há frases que falam de frases, sentenças que falam de sentenças, uma sintaxe que discorre sobre a própria sintaxe, ainda que metaforicamente. A metalinguagem, como bem distinguiu o teórico russo, é a linguagem voltada para dentro, que

remete a si mesma. Através desse poema, o eu lírico reflexe sobre sua matéria prima, as palavras, do ato mesmo da confecção poética. E o leitor adentra num universo auto-referencial e intra-reflexivo, do qual não escapa uma discussão filosófica sobre a própria natureza poética: “um rio precisa de muita água em fios para que todos os poços se enfrasem...”

A forma do poema, embora atualmente muito desprestigiada no ensino escolar de literatura, não é o polo oposto do conteúdo, não estabelece com este uma dicotomia. Não há que se perguntar “o que está por traz desse poema?”, como se o sentido residisse fora e à parte da forma. Análise e interpretação devem conceber um movimento pendular que flutua entre forma e conteúdo, como argumentou Paul Valéry:

O pêndulo vivo que desceu do som em direção ao sentido tende a subir de novo para o seu ponto de partida sensível, como se o próprio sentido proposto ao seu espírito não encontrasse outra saída, outra expressão, outra resposta além da própria música que o originou.[...] O princípio essencial da mecânica poética [...] é, a meu ver, essa troca harmoniosa entre a expressão e a impressão (VALÉRY, 1999, p. 205).

Na poesia, há uma ligação necessária entre forma e conteúdo. O conteúdo reclama a forma. O estado de poesia precisa da forma, ou melhor, da relação que é construída entre forma e conteúdo (indissolubilidade entre som e sentido). Por isso, não é algo de somenos importância investigar a configuração formal, como metro, rima, estrofe e figuras. Esse será o foco de análise nas próximas linhas, especialmente nas relações que a forma estabelece com o sentido que sugere.

O poema é homoestrófico: são duas estrofes de doze versos cada. À divisão estrófica corresponde a divisão semântica do poema, forma e conteúdo são instâncias complementares, como mostrado acima: na primeira estrofe o eu lírico fala do corte do rio e de sua consequência; na segunda, trata do reatar do rio e do que é preciso para tanto. Quanto ao metro, os versos de “Rios sem discurso” são polirrítmicos, variando entre decassílabos, hendecassílabos e alexandrinos. Porém, visualmente ou, como gostaria Alfredo Bosi, geometricamente, o poema é equilibrado e justo no tamanho dos versos e das estrofes.

O corte do rio, na primeira estrofe, é o acidente que leva à quebra, à interrupção da corrente natural. Mas já no segundo verso, por causa do sintagma “discurso-rio”, instaura-se a comparação que dará o tom do poema, entre rio e discurso e, no quinto e sexto versos, entre água e palavra. O rio introduz uma imagem clara de inteireza, continuidade e fluência, que

vale também para o discurso. Mas o corte violenta esta corrente, tanto do rio quanto do discurso. Cortar o rio forma poços estéreis, estantes. Cortar o discurso, isolando suas palavras, como faz o dicionário, provoca o mesmo efeito: elas ficam mudas, sem contexto, sem força comunicativa. A sintaxe do rio precisa de livre curso para não ser água paralítica, assim como a sintaxe do poema, que deve ser analisado como uma obra completa, como uma unidade. A fragmentação do discurso poético, a fria análise fragmentada, forma não mais que poços semânticos mortos ou limitados em sua eficácia comunicativa.

Na segunda estrofe, o eu poético pensa em termos de recuperação da unidade perdida. O que é preciso para que isso aconteça? Raramente o rio se recupera dos cortes e o faz muito lentamente, fio a fio. A partir do quinto verso o poeta conjectura o excepcional, uma cheia, mas usando termos do discurso: “grandiloquência”, “outra linguagem” e o neologismo verbal “enfrasem”. A força da comunicação e da arte poética está no ímpeto da frase como um microcosmo de sentido, e é preciso que elas se unam, se juntem, se encontrem para que sua força, que é sua mensagem, surja como a corrente de um rio. O reatar é necessário para que dê lugar ao “discurso único”, como no penúltimo verso, e assim combata a seca. Essa última metáfora, também de grande impacto imagético, sugere múltiplas interpretações. Porém, no contexto do poema, é inevitável a relação seca/incomunicabilidade. Os cortes artificiais que muitas vezes o analista impõe ao poema provocam mutilações, criam poços, por isso há que se resgatar, na interpretação poética, a unidade semântica, deixar que os blocos de análise que muitas vezes são construídos didaticamente e com as melhores intenções, se “enfrasem” e abram alas à “sentença-rio”.

Agora é preciso voltar ao citado Alfredo Bosi, o poema o convoca. Essa deve ser a ordem ou sequência salutar à interpretação: a obra convoca a teoria e não o contrário. Nesse passo, tal pensamento remete-se ao conceito de frase. Para Cabral, a força do discurso se dá frase a frase, quando elas se unem e se enfrasam como fios de água na corrente de um rio. Bosi (1977), em seu ensaio “Frase: música e silêncio”, defende que a unidade básica da língua não é a palavra, mas sim a frase. A força da língua está na frase, unidade portadora de sentido completo por articular nome e predicação, não deixando desse modo que se corte o fio de água e se formem poços. Mas Bosi, tratando da frase, fala não só da sua continuidade, mas também das pausas necessárias, o que ele chama de atomização. Assim ele escreve:

A frase resulta de um processo de significação cuja essência é a predicação e cujo suporte é a corrente dos sons. Uma corrente cujo modo de ser no tempo se perfaz entre dois limites igualmente evitados: a atomização e a infinitude (BOSI, 1977, p. 67).

Na frase, e pode-se dizer, no poema, os extremos da atomização e da infinitude são evitados, pois ambas atentam contra a significação. Daí, essa corrente de som e sentido chamada de frase, demanda a presença da pausa. Embora poetizando sobre a corrente do rio, como antítipo do discurso poético, Cabral não evita as pausas, pelo contrário, faz um competente emprego das mesmas. Mas elas não formam poços, pelo contrário, dão fluidez à mensagem do poema. Ficou apontada acima a pausa entre os dois grandes blocos semânticos, a saber, as duas estrofes. Assim, a pausa interestrófica marcou a mudança de enfoque do tema, passando do corte do discurso para sua reunificação, isso sem falar das pausas intermediárias, os limites dos versos, que podem sofrer variações de execução, a depender do modo de leitura adotado pelo declamante. De um jeito ou de outro, a frase se equilibra entre esses dois limites igualmente evitados, atomização e infinitude. Somente poços não faz um rio, mas também um rio tem rochas, curvas e quedas que lhe afetam a velocidade e nem por isso lhe subtraem a beleza. No poema não é diferente.

Para efeito de comparação com “Rios sem discurso”, pode ser evocado o emblemático poema de José Paulo Paes (1986), intitulado “Metassoneto ou O computador irritado”:

abba  
baab  
cdc  
dcc

aabb  
bbaa  
ccd  
dcd

cdc  
dcc  
abab  
baba

ccd  
dcd  
abba  
baab

blablablablablablablablablablablablablablabl

O poeta chama esse poema de “metassoneto”, pois é composto de quatro estrofes as quais contêm, cada uma delas, um soneto; é certo que não em palavras, mas em esquema de rima, como é costume classificar, através das letras a, b, c, d. O eu lírico, dessa forma, compõe seu metassoneto com esquemas de sonetos, ou seja, a forma fazendo a forma. Mas não será a norma, os manuais, os esquemas, o abecedário da técnica que fará nascer a poesia. Na verdade, há poemas sem poesia como há também poesia que se manifesta fora do poema, em outros objetos, espaços, lugares e situações, como afirmou com propriedade Octavio Paz:

E assim é: nem todo poema – ou para sermos mais exatos, nem toda obra construída sob as leis da métrica – contém poesia. [...] Há máquinas de rimas, mas não de poetizar. Por outro lado, há poesia sem ser poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas (PAZ, 1982, p. 16).

Com efeito, é possível afirmar com Jorge Luís Borges (2000, p. 11) que “[a] poesia não é alheia – a poesia, como veremos, está logo ali, à espreita. Pode saltar sobre nós a qualquer instante.” Em seu ensaio, sob o título “Esse ofício do verso”, o escritor argentino argumenta que o livro e até mesmo o poema é uma ocasião para poesia. A poesia é democrática, não é patrimônio exclusivo do livro impresso nem dos poetas canônicos. Sem beleza, sem prazer, sem paixão, sem emoção não se faz poesia, talvez se faça um poema, um texto em versos, estrofes, talvez com rima e metro, mas não uma obra tocada pela poesia necessariamente. Daí que o poema de Paes é uma crítica direta e bem humorada à técnica que se julga geradora de poesia. As formas fixas, os esquemas de rima, o metro bem escandido não podem em si mesmos ser veículo da poesia, seu resultado será o blá-blá-blá irônico do verso final de Paes.

### **Considerações finais**

Desse modo, as estrofes estanques do metassoneto de Paes representam outra maneira de expressar os poços de água de Cabral, cortados, isolados, fios abortados da corrente do rio que já não mais comunicam nem vencem a sede da intransitividade. O



computador irritado de Paes corresponde ao rio violentado de Cabral. A técnica descarnada de poesia leva ao onomatopaico e vazio blablabla que não emociona, que não suscita o prazer e o espanto próprios dos textos tocados pela poesia.

### Referências

BORGES, J. L. O enigma da poesia. In: BORGES, J. L. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 10-28.

BOSI, Alfredo. Frase: música e silêncio. In: BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix/Ed. Universidade de São Paulo, 1977, p. 65-107.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Ed. Cultrix, 2003, p. 118-162.

MELO NETO, João Cabral de. Psicologia da composição. In: MELO NETO, João Cabral de **Poemas para ler na escola**. Seleção e apresentação Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. Rios sem discurso. In: MELO NETO, João Cabral de. **Poesias Completas**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

PAES, José Paulo. Metassoneto ou O computador irritado. In: PAES, José Paulo. **Um por todos** (poesia reunida). São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 80.

PAZ, Octavio. Poesia e poema. In: PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982, p. 15-31.

VALÉRY, Paul. Poesia de Pensamento Abstrato. In: VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999, p. 193-210.

---

### **Sobre o autor**

#### **Marcelo Brito da Silva**

Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É professor do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) - campus Rondonópolis.

*Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/6158800585751889>

---

Artigo recebido em Agosto de 2018.  
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2018.